

# O trabalho como festa: sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa<sup>1</sup>

*Carlos Rodrigues Brandão*

da Universidade de Campinas - São Paulo – Brasil  
itatiaia1940@gmail.com

---

**Resumo:** O povo camponês no Cerrado sustenta organicamente a relação entre trabalho e festa, fortalecendo laços entre a cultura e a razão. Nos sertões de Minas Gerais e Goiás, por exemplo, se multiplicam experiências de mutirão, “treição”, entre outras práticas de apoio mútuo. O canto, as folias e a festa permeiam a efetividade e dificuldade do trabalho no campo. As regras do trabalho produtivo se misturam àquelas de uma convivência generosa. Neste texto procuramos refletir sobre as relações que aproximam trabalho das experiências festivas dos povos camponeses.

**Palavras-chave:** Mutirão. Folia de Reis. Campesinato.

---

## Introdução

Sabemos que por todo o mundo muitos povos plantam, colhem, remam cantando. É possível entrever em tais cantos um fator instrumental do trabalho. E canto coletivo e ritmado serve a estabelecer o ritmo devido das remadas, dos gestos de plantio coletivo em linha, ou os da colheita. Podemos imaginar que, entre a cultura e a razão prática, existe algo mais aí. Lembro-me de um antigo documentário que assisti há muitos anos, e cujo nome não recordo, que retrata momentos da “puxada da rede” na pesca do xaréu, em praias da Bahia. Presos às duas cordas paralelas, puxando-as com vagarosos e esforçados passos para trás, as duas linhas de homens pescadores puxavam do mar as redes cantando uma bela e alegre canção que lhes marcava os seus passos.

Aires da Mata Machado (MACHADO FILHO, 1985) realizou na região de Diamantina, em Minas Gerais, uma longa pesquisa de coleta de cantos de escravos. Tenho comigo um disco em que algumas delas são cantadas, alternando Clementina de Jesus com outros cantores. Alguns serão, por certo, cantos do trabalho. Em um dos primeiros livros mais

---

<sup>1</sup> Uma versão deste texto foi publicada no livro “Diversidade do campesinato: expressões e categorias”, organizado por Emília Pietrafesa de Godoi, Marilda Aparecida de Menezes e Rosa Acevedo Marin, e publicado pela editora UNESP e Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, em 2009.

completos sobre formas tradicionais de ajuda mútua entre homens e mulheres do mundo rural, Hélio Galvão lembra uma definição de teor jurídico atribuída a Freitas Marcondes:

Mutirão é uma instituição universal, cultivada geralmente nos grupos primários, onde o organizador, necessitando de uma rápida, larga e eficiente cooperação para um serviço, a solicita dos seus vizinhos, comprometendo-se tacitamente a retribuí-la nas mesmas circunstâncias, tão logo lhe seja pedida essa retribuição (GALVÃO, 1959, p. 16.).

O mutirão é também acompanhado de canto e festa. Uma relação entre pessoas e coisas, em outros momentos regida por princípios produtivos de eficácia e regida pelo estrito cumprimento de tarefas, torna-se uma relação entre pessoas por meio de coisas, em que as regras do trabalho produtivo mesclam-se com as de uma convivência gratuita e generosa.

### **Traição, “treição” - a surpresa da ajuda**

A “traição” ou “treição” é uma forma curiosa e hoje bastante rara de ajuda mútua e de trabalho vivido como festejo, ocorria com frequência em Goiás e em algumas áreas rurais de Minas Gerais. Nunca ouvi falar de sua existência em outros Estados, mas acredito que ela seja ou fosse vigente também em Minas Gerais, no Tocantins, regiões da Bahia na fronteira com Goiás e também no Mato Grosso.

Quando parentes e vizinhos tomavam conhecimento de que um sitiante das redondezas necessitava da ajuda de outros braços além dos de sua família, para realizar um trabalho em geral atrasado (a limpa de um pasto, o preparo de um terreno para o plantio) era costume que em segredo convidasse outros parceiros de trabalho da comunidade para um mutirão.

A diferença entre esta modalidade de ajuda mútua e as outras, bastante mais frequentes e disseminadas pelo Brasil, é que o próprio “dono do serviço” não costuma tomar a iniciativa de convocar parceiros, parentes e/ou vizinhos para uma “ajuda” em suas terras. Ele recebe em sua casa, em um clima de surpresa e festa, e em geral em plena madrugada, os trabalhadores voluntários de um mutirão de surpresa. E mesmo que por ventura “o dono” saiba o que vai acontecer, ele deve representar o papel de quem de nada sabe. Pois em boa medida é a surpresa o que torna um trabalho coletivo, também um ritual carregado de alegria e afeto.

E o mutirão começa com uma traição, com uma “treição”. E este momento da chegada é um alegre e festivo rito de surpresa e acolhida. Antes de descrever de maneira sumária mutirões goianos que conheci, quero trazer aqui um depoimento bastante mais antigo. Um dos mais atentos estudiosos das alternativas de ajuda mútua no mundo rural brasileiro foi Clóvis Caldeira. Em um dos seus livros ele dá voz ao folclorista paulista Alceu Maynard Araújo, que assim descreve o mutirão com chegada de traição.

É principalmente no Estado de Goiás que ainda se pode observar uma das mais interessantes formas de cooperação vicinal (forma espontânea) a que já se fez referência: a traição ou, no linguajar matuto, treição. Assim descreve Alceu Maynard de Araújo uma dessas reuniões, realizadas na zona rural do Município de Inhumas, no dia 18-12-48.

Quando um lavrador da manhã está com o trabalho de sua roça em atraso, um compadre, ou amigo, às escondidas, combina e reúne um grupo de trabalhadores (uns cem ou mais) e, num sábado pela manhã vai até a casa do amigo para ajuda-lo. Essa ajuda, que é tramada em sigilo e que é fato uma surpresa para o que a recebe, chama-se traição.

Às cinco horas da manhã, rodeiam a casa do traído, e os traiçoeiros dão tiros, soltam rojões, e, quando acordam a família, dão início ao trabalho. Se o atraído pode fornecer comida para o treioeiros, começa a prepara-la, caso contrário, o chefe da traição precavidamente já põe em andamento os preparos para o almoço. É bom salientar que o chefe dos traioeiros deu o café aos convidados em sua própria casa, aí pelas 4 horas da manhã...

Todos trabalham nesse singular mutirão, homens, mulheres, crianças. Homens na roça, mulheres na cozinha e crianças no transporte de comida, água, lenha. Almoçam ali pelas 10 horas: às 14 horas o café e, ao anoitecer, o jantar... e terminam com danças. Os velhos gostam e preferem as “quadrinhas” e o “catira”, e os mais moços, já influenciados pelo rádio, preferem os arrasta-pés com marchas e sambas “carnavalistas”. O arremate da traição, isto é, a dança, vai até o dealbar do domingo (CALDEIRA, 1956, p. 183-184).

De modo geral os “treioeiros” reúnem-se em algum lugar antes combinado, e não muito longe da casa do “traído”. Chegam lá em silêncio, quase sempre, como lembrei antes, pela madrugada. Levam com eles, ademais dos aparatos do trabalho – enxadas e foices, quase sempre – alguns instrumentos de música, quase sempre violas, violões, de vez em quando acompanhados de um pandeiro, de uma caixa, de uma sanfona.

No chegar é costume que soltem rojões. Diante da porta da casa começam juntos a cantar, anunciando a chegada inesperada e conclamando as pessoas que dormem a que acordem e venham abrir a porta. Um exemplo simples colhido por mim em Ituaçu, em Goiás, ainda na década dos anos sessenta.

Meu senhor dono da casa,  
Meu amigo, meu patrão  
Saia na porta da rua  
Receber sua “treição”.

Eu vim aqui  
Eu vim lhe visitar (bis)  
Meu senhor dono da casa  
De saúde como está? (bis)

Meu senhor dono da casa  
Meu amigo e companheiro.  
Saia da porta pra fora  
Receber os traioeiro.

Eu vim aqui  
Eu vim lhe visitar (bis)

Meu senhor dono da casa  
De saúde como está? (bis)

Senhora dona da casa  
Cinturinha de retrós,  
Entra pra porta pra dentro  
Vai coar café pra nós.

Eu vim aqui...

Senhora dona da casa  
Seus pezinho merece tudo,  
Merece meia de seda  
Sapatinho de veludo.

Eu vim aqui...<sup>2</sup>

Escrevi aqui apenas uma breve síntese. O “cantorio de chegada” pode ser bem mais longo. Ele começa sempre com o anúncio da chegada, o convite ao despertar e o pedido de que a porta se abra. Aberta a porta, o grupo canta ainda diante do casal de “donos”. Cantam elogiando virtudes do homem, da mulher, do casal. Cantam anunciando que vieram “dar uma treição”. E ela festivamente anuncia a surpresa do mutirão a ser iniciado ao romper do dia. E depois dos “traíçoeiros” cantam pedindo para entrar na casa e serem servidos de café e, em algumas vezes, “da boa pinga”.

Relembro que é raro que os “traíçoeiros” cheguem pela manhã, ao raiar do dia. O costume tradicional é que cheguem no meio da madrugada, no escuro ainda. Assim, depois de aberta a porta e depois que todos entram e se saúdam - os que chegam e os “donos da casa” - um café é servido e, quando possível, algumas “quitandas” típicas, como o biscoito de queijo são oferecidas. Alguns poucos chegantes poderão aproveitar as horas até o amanhecer para descansar, dormindo em algum canto da casa. Outros, sempre a maioria forma rodas de algum cantorio de viola, ou uma, duas ou mais “mesas de truco”. E naquele dia, naquela casa não se dorme mais.

Amanhece o dia e, ainda em clima de pequena festa a família do dono e a equipe do mutirão saem para o dia de trabalho. Ele pode ser um dia de “limpa de pasto”, de uma “capina de lavoura” ou, mais raro, de ajuda em uma colheita atrasada. Quando são poucos eles formam uma linha de trabalho, e sob as ordens do “dono do serviço”, o “traíçoadado”, do “chefe dos traíçoeiros”, ou ainda, “do patrão”, juntamente com a pessoa que planejou em segredo o dia de serviço voluntário, todos trabalham armados de enxadas ou de foices, de acordo com o tipo de “serviço”.

---

<sup>2</sup> Hélio Galvão (1959) lembra a folclorista goiana Regina Lacerda. Em uma antiga comunicação oral à então Comissão Nacional de Folclore ela relatou uma série de cantos tradicionais de chegada dos “traíçoeiros”, de acompanhamento do trabalho e de final do dia de “serviço”.

Quando muitos, o costume é a formação de algumas ou várias “linhas” e, então, não é raro que entre elas sejam estabelecidas algumas brincadeiras, e até mesmo uma competição ao redor de qual delas termina uma sequência do “serviço” mais depressa. Transcrevo aqui passagens de cantos que gravei com lavradores e também foliões de Santos Reis no município goiano de Mossâmedes. São cantos que encontrei depois no disco (ainda um long-play)|: *Música do Povo de Goiás*, editado por Marcus Pereira.

Cantorio do Eito (durante o trabalho do mutirão).

Oi meu patrão, ai  
trás pinga pra nós beber, ai  
eu não bebo  
a pinga que vós trouxe.

Meu patrão falou  
Que é um eito só  
Que é um eito só.  
Pega um fura outro  
É um eito só.  
É um eito só.

Fui busca uma boiada  
No sertão do Cuiabá  
Uma boiada amarela  
Chumbadinha de araçá.

Gostei de ver, gostei de olhar  
Morena bonita de namorar.  
O anu é passo preto  
Moradô do Mato Grosso.  
Moradô de Mato Grosso  
Comprei minha mula baía  
Pro dia da minha viagem  
Oi ierê, oi iara.

O dia que eu monto nela  
Eu dou certo na Contagem.  
Morena você me leva  
Até no porto da Bagagem  
Ando lá do outro lado  
Pra vortá, mas é bobagem.

São cantos durante o eito no campo. O ritmo acompanha o trabalho com as enxadas. Em geral cantam divididos em grupos de trabalho e cantorio, de modo que um diz uma parte de cada quadra e o outro responde. Mas estes cantos ainda não são o “brão”, que nos espera adiante. Trabalha-se como em festa, e “de verdade”, com a diferença de que o clima é então festivo e francamente amistoso. Em algumas ocasiões o “dono do serviço” fica de fora das linhas e participa do “eito” servindo café, cachaça ou as duas bebidas alternadamente. Na casa as mulheres da família sozinhas, ou acompanhadas de parentas e/ou vizinhas, preparam o “almoço

dos homens”. Em um dia de “eito” costuma-se parar para um almoço e este é o momento em que novas rodas de cantório de improviso ou de mesas de truço sejam formadas novamente.

Assim, o que seria um duro dia de trabalho rural, caso ele fosse contratado e pago pelo “patrão”, torna-se uma jornada que faz do trabalho uma demorada cerimônia de convivência, e entremeia o “serviço” e a “brincadeira”, o esforço do corpo e o canto, a dança e a comida festiva.

O momento do final do “dia do serviço” no mutirão e o retorno à casa do “dono”, costumava ser ritualizados de forma jocosa. Ao final do trabalho os homens do mutirão primeiro cantavam trovas anunciando a hora da volta à “casa do dono”. Algumas vezes os “treiçoêros” formavam um “quadro”, um quadrado com quatro enxadas ou foices seguradas por quatro componentes do mutirão. Dentro dele seguia, caminho afora, o “dono do serviço”. Algumas outras trovas, cantadas também à capela, costumavam então ser entoadas pelos traícoeiros”. De modo geral elas falam de um “patrão preso”, que somente será solto depois de distribuir entre todos uma generosa oferta da “boa pinga”. Eis um momento de um “cantório de entrega”, quando se considera que o dia de trabalho coletivo está “cumprido”.

Lá evai o sol entrando  
Por cima da mataria  
Acabou seu mutirão  
Com prazer e alegria<sup>3</sup>

Ali vai o sol entrando  
Com uma raiva de carvão  
Alegria dos camarada  
A tristeza do patrão.

Ali vai o sol entrando  
Por cima da mataria  
Acabou o muxirão  
Com prazer e alegria.

Meu patrão ta preso  
Ta cumprindo sorte,  
Se ele não der pinga  
Ele nós não sorta.  
Meu patrão tá preso  
Não é pra sortá  
É garrafa e meia  
Até nós toma.

Meu patrão tá preso  
Forçado também  
Se ele não der pinga  
Não sorta ninguém.

O patrão tá preso

<sup>3</sup> Esta quadra é bastante semelhante a uma apresentada por Regina Lacerda, muitos anos antes, e reproduzida na página 32 de: *O mutirão no Nordeste* (GALVÃO, 1959). Creio que esta e outras quadras de cantório de final de dia de serviço são muito difundidas em Goiás.

Tá dentro da volta (roda)  
Se ele não der pinga  
Ele nós não solta.

O patrão tá preso  
Ele é prisioneiro,  
Pra nós solta ele  
Dá pinga primeiro.

Não é difícil compreender que o trabalho-ritual de um dia de serviço voluntário no mutirão tradicional assemelha-se com outros vários momentos também típicos de uma “chegada” de algum grupo festivo e cerimonial em uma casa, no mundo camponês. Assim acontece com as chegadas em locais de “giro” ou de “pouso”, de uma Folia de Santos Reis, ou de uma Folia do Divino Espírito Santo, como registrado fielmente pelo artista Romulo Pinto Andrade, em visita a uma Folia em São Francisco de Sales, no triângulo mineiro em 1997 (Desenho 1). De igual maneira, a “chegada” é sempre cerimonial, festiva, e ritualmente cantada.



**Autor do desenho.** Romulo Pinto Andrade, 1997.

Em diversas situações as pessoas e comunidades do mundo rural reproduzem ainda antigos rituais de ingresso em uma casa, com bandeira, toques de instrumentos, fogos, cantórios, e mais gestos de acolhida pelos donos aos chegantes. E também a oferta festiva de alimentos. Não raras são as brincadeiras rituais, como as dos “palhaços da Folia” (Desenho 2) os jogos de truco, a dança de catira. E tudo não raro entremeado de orações coletivas e



tradicionais. E, na direção oposta, são também muitas e múltiplas as cerimônias rituais de despedida coletiva.



**Autor do desenho.** Romulo Pinto Andrade, 1997.

A diferença entre o mutirão (com ou sem “traição”) é que mesmo quando haja bastante trabalho para os homens e para as mulheres em uma “festa de santo”, ou em uma “chegada de folia” (Desenho 3), tudo o que se faz então é considerado como um não-trabalho. Uma oferta de um “serviço” voluntário”, mas na verdade quase obrigatório por um código costumeiro de



trocas de bens, serviços e sentidos, a pessoas da casa, ao grupo ritual, ou aos seres sagrados festejados.



**Autor do desenho.** Romulo Pinto Andrade, 1997.

Vale então a convivência e o conagração e os momentos vividos com devoção e diversão são considerados como um oposto cerimonial à rotina do trabalho rural. Enquanto o mutirão, ao contrário, trás momentos de festa para este próprio trabalho rotineiro.

### **Trabalhar sozinho, trabalhar com outros, cantar para trabalhar, trabalhar cantando**

Em um notável estudo sobre *música caipira* e *música sertaneja*, na região cultural brasileira compreendida pelos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Paraná, José de Souza Martins (1975) lembra com acerto que a perda de momentos de ritual e, de maneira especial, a perda da música durante situações de trabalho, revelam não apenas a modernização do trabalho rural segundo moldes urbanos, de acordo com critérios de utilidade capitalista, mas também a sua perda, o seu empobrecimento, segundo valores rurais tradicionais.

Fora dos ritos religiosos, há canções do trabalho também inseridas em formas rituais de atividade. No caso da cultura caipira ouvi referências apenas à proposição de enigmas, cantada pelo violeiro, que a faz nomeando a pessoa de quem espera a resposta dentre os participantes do mutirão – trabalho coletivo de limpa de roça ou pasto, em que os vizinhos voluntária e gratuitamente se reúnem para ajudar um morador do bairro que por necessidade (em geral urgência) peça adjutório para levar

a cabo essas tarefas. Também aí o dono da casa oferece comida: almoço e ‘janta’, além da pinga, muito consumida nessas ocasiões. Após a ‘janta’ pode haver uma ‘função’, embora não necessariamente: é quando a viola encontra novamente o seu lugar.

É o que ocorre com o mutirão, no qual o desaparecimento da música de trabalho e, depois, da ‘função’ foi o primeiro sinal da sua deterioração. Evidentemente, diversos fatores articulam-se no estabelecimento da disimportância da instituição. No entanto, o desaparecimento da música, mediadora das relações sociais é um dos primeiros sintomas da crise do bairro rural e da sua desestruturação iminente (MARTINS, 1975, p. 111-112)<sup>4</sup>.

Seja nos domínios do sagrado e da vida religiosa, seja nos domínios do profano e do trabalho produtivo, por toda parte sabemos de atividades corporadas em algum tempo fortemente ritualizadas. Relações entre pessoas através de palavras, gestos e objetos; ou relações entre objetos, gestos e palavras através de pessoas, em que sinais, signos e símbolos de reconhecimento do outro e de deferência, de afirmação de um ‘nós solidário’, de prece ou de peditório, ou de pura e simples expressão de beleza e de alegria, em que se verseja, se ora em conjunto, se canta e se dança. E em que através de um destes gestos cerimoniais, ou através da interação entre dois ou vários deles, as pessoas associam algum tipo de atividade produtiva (econômica e/ou social) a uma realização de teor simbólico e ritual.

Concordo com Martins (1975), como concordarei adiante com Marcel Mauss (2003), em que a perda parcial ou completa de tais momentos de ritualização da vida cotidiana e do trabalho nela contido, representa um primeiro sinal de deterioro da própria atividade coletiva que aos poucos perde o que, não sendo trabalho produtivo, dá a ele um sentido e significado para além da própria produção de bens e de serviços.

Em seu célebre *Ensaio sobre a Dádiva*, Marcel Mauss (2003) reclamava, há mais de cem anos, um esvaziar-se destes gestos de troca e de gratuidade no correr da vida de sociedades imersas cada vez mais em princípios de utilidade, competição e eficácia. As mesmas que, bem mais agora do que em seu tempo, regem, no campo e na cidade, as relações entre as coisas; as relações entre as pessoas; as relações entre pessoas através das coisas; e as relações cada vez mais entre coisas através das pessoas.

Ao lembrar tempos e sociedades regidas ainda pela troca e pela obrigação recíproca de dar-receber-retribuir, Marcel Mauss (2003) diz o seguinte:

Durante um tempo considerável e num número considerável de sociedades, os homens se abordaram num curioso estado de espírito, de temor e de hostilidade exagerados, e de generosidade igualmente exagerada, mas que são desarrazoados apenas aos nossos olhos. Em todas as sociedades que nos precederam imediatamente e ainda nos cercam, e mesmo em numerosos costumes de nossa moralidade popular, não há meio-termo: é confiar inteiramente ou desconfiar inteiramente; é depor armas

---

<sup>4</sup> José de Souza Martins realizou pesquisas de campo na região do Alto Paraíba, em São Paulo, onde está São Luís do Paraitinga. O que ele descreve é uma forma variante do cantório de brão que descrevi aqui.

e renunciar à própria magia, ou dar tudo, desde a hospitalidade fugaz até as filhas e os bens. É em estados desse tipo que os homens renunciaram a sua autonomia e souberam dispor-se a dar e a retribuir.

Foi opondo a razão ao sentimento, foi estabelecendo a vontade de paz contra as loucuras bruscas desse gênero, que os povos conseguiram substituir a guerra, o isolamento e a estagnação pela aliança, a dádiva e o comércio (MAUSS, 2003, p. 312-313).

O que eles, os homens da terra lamentam, o que nós lamentamos e não devemos aceitar, é a perda do princípio de solidariedade, de gratuidade e de generosidade nas relações entre pessoas, entre grupos humanos e mesmo entre povos e nações. Uma perda tida por alguns como um ganho, quando defendem as regras e os valores de um mundo regido pelos interesses utilitários do mercado de dinheiro, de bens e de trabalhos. Relações em que produtos valem mais do que produtores de produtos e em que, sob uma mesma lei de que as regras do mundo do agronegócio são o melhor exemplo, quem trabalha para gerar bens não se sente apenas um criador de mercadorias, mas se sente, cada vez mais, ele próprio, uma outra mercadoria.

Teremos chegado a tal ponto? Haverá ainda um ponto de retorno a uma vida solidária, a um trabalho vivido como troca generosa e como gratuita interação entre pessoas que, ao mesmo tempo em que produzem o bem da terra, voltam a se sentir como criadores do bem da Vida?

O trabalho com a terra é quase sempre duro e “cansa o corpo”. Conhecemos todos, por vivência, por depoimentos ou mesmo pelas letras de velhas modas de viola, o quanto é penoso o trabalho camponês. Mais ainda ele é quando “cativo”: quando é realizado “no que é dos outros” ou “para o outro”. Sobretudo quando este outro é um “senhor”, um “patrão”. Pior ainda, quando se é um “peão” de um “senhor” impessoal e se trabalha não se sabe onde e nem para quem.

Mas o trabalho “com outros” ou “para o outro” é sempre um gratificante e alegre trabalho-festa, ou um trabalho-ritual, quando voluntário. Quando, ao invés de ser uma imposição ou uma “obrigação”, é uma escolha livre, uma “ajuda a um amigo” de quem se pode esperar a contraparte, quando necessário. Os antigos e os ainda remanescentes mutirões rurais são o melhor exemplo do trabalho solidário vivido entre o labor e o prazer, entre o “lavar” e o “festar”.

Vimos que as situações antigas e atuais de trabalho com a terra, quando vividos como alguma forma de solidária “ajuda mútua”, podem incorporar diferentes situações. Podem ser uma iniciativa do próprio “dono do serviço”, que será eticamente devedor de igual “favor” quando solicitado. Pode ser uma iniciativa de outros e, então, uma “surpresa” para o “dono”. Ele pode envolver uma pequena equipe de parceiros por um ou mais dias de trabalhos. E a sua

forma mais simples é a “troca de dia”, em que uma pessoa trabalha um ou dois dias para uma outra em troca de receber igual ajuda em outros dias. Ele pode envolver uma equipe maior e pode abarcar também momentos festivos, pelo menos na hora “da boia” ou no fim do “dia de serviço”. Pode, como no mutirão sumariamente descrito aqui em Santa Cruz do Rio Abaixo, congregar em uma mesma propriedade camponesa mais de uma centena de parceiros e cantadores do Brão.

Pode ser um trabalho coletivo e parcialmente voluntário, reduzido apenas às situações costumeiras de trabalho. Pode entremear, como vimos, o trabalho com a celebração da amizade, entre brincadeiras e cantórios. Pode ser um trabalho em que se canta antes, nos intervalos (almoço e/ou janta) e ao final. Ou pode ser, como no “mutirão com Brão”, um trabalho que se canta enquanto se o vive.

Mas, em qualquer situação e de qualquer maneira, será sempre um trabalho em que cada um dos participantes sai de si mesmo, deixa por algum tempo que seja os seus afazeres, a sua rotina e os seus interesses pessoais e familiares, e gratuita e generosamente se dá aos outros. Traz a um vizinho, a um parente, a um amigo, não apenas a força física de um ou mais dias de trabalho. Traz com a sua presença solidária o rito e o sentido de uma vida ainda não dominada pela concorrência, pelo interesse individualista e pelo fechar-se em si mesmo e no que é “seu”.

Dar (bens, trabalho, afeto, saber, sentido), receber, retribuir. Fazer dessas alternâncias de recíprocas inter-trocas que resistem ao mundo dos negócios em nome do mundo da vida, a essência solidária da razão de ser e viver. E mais do que esta razão, a de saber dar-se ao outro conviver com ele uma vida que, afinal, valha a pena.

### **O Canto das Fiandeiras**

Todos os ofícios do povo, entre o trabalho da lavoura, o da pecuária, a arte e o artesanato são sempre bastante mais complexos do que se imagina. Mas comparado com o ofício do barro e os afazeres do oleiro, os seguintes passos que vão do plantio do algodão a uma “colcha de fiandeira” (goiana ou mineira, de preferência) são bastante mais demorados e complexos. Eles começam com o preparo do terreno, a semeadura do algodão, o “trato” da lavoura” e a colheita. Atividades do domínio masculino.

E depois os cuidados das mulheres. Separar as polpas do algodão eu deverão ser trabalhadas; desencaroçar, separando a polpa dos caroços do algodão; cardar, preparando a polpa para ser fiada; fiar usando as velhas e harmoniosas “rodas de fiação”; tingir (menos as que devem permanecer de cor branca, ou as polpas de um algodão “ganga” de cor já

naturalmente havana). E, finalmente, levar os fios tingidos e fiados para o grande tear onde a fiandeira, de pé e como uma bailarina que bailassem sair do lugar, tecer um “pano de algodão”.

Há anos atrás, quando era estudante e educador do Movimento de Educação de Base, fotografei e gravei um inesquecível “mutirão de fiandeiras”, num galpão da fazenda, e repartidas entre as diversas atividades do ofício, as mulheres se distribuíam entre as diversas atividades (menos o tingimento). E algumas delas cantavam.

Cantavam ora em solo, uma só, em geral, alguma das mais velhas. Cantavam em duplas, outras vezes. E cantavam em grupos maiores, em outras, ainda. O canto solo, desacompanhado de instrumentos, como de costume acontece em tais casos, não marcava propriamente o ritmo do trabalho, já que entre a desencaroçadeira, a cardadeira, a roca (que elas chamam “roda”) e o tear, os ritmos e os gestos são diferentes.

Das muitas cantigas de fiandeiras gravadas e, depois, perdidas no sumiço de algumas de minhas fitas de mais de 30 anos, lembro-me de pelo menos uma trova.

Cresce Tereza cresce  
 Você cresce, Terezinha.  
 E quando você crescer  
 Vai ser namorada minha.

Assim, não apenas o canto, mas o clima de trocas de serviços e de sentidos em que ele se dá, trás a uma situação vivida no cotidiano, como um trabalho feminino solidário, ou realizado em pequenas equipes - quase sempre familiares com uma mãe fiandeira e suas filhas - a dimensão de um trabalho-festa. A de uma ação produtiva, mas entretecida de um clima socioafetivo que faz interagirem as duas dimensões de um trabalho que se vive como um ritual, quase uma festa. Uma relação entre pessoas e coisas, em outros momentos regida por princípios produtivos de eficácia e regida pelo estrito cumprimento de tarefas, torna-se uma relação entre pessoas através de coisas, em que as regras do trabalho produtivo mesclam-se com as de uma convivência gratuita e generosa. Ali onde atos utilitários de produção de bens tornam-se gestos afetivos de criação de afetos e de sentidos, através não tanto do que se produz - colchas de algodão rústico - mas através do como se produz.

Trago aqui o depoimento de uma então jovem pesquisadora de Goiás, Marcolina Martins Garcia, em seu livro *Tecelagem Artesanal*. Ela fala dos mutirões antecidos de uma “traição”.

Também há mutirões e traições de fiandeiras, não raro associados aos de lavradores. Transcrevo a descrição de um: “Cerca de cinquenta e três homens trabalharam no roçado do pasto e 10 mulheres na cardação e fiação de algodão, entre cantorias e muita alegria, tanto no trabalho em casa quanto no roçado. Às 11,30 horas fizeram pausa para o almoço e retornaram ao trabalho. Por volta das 14 horas pararam novamente o trabalho para outra refeição; após esta, algumas pessoas voltaram às suas casas, principalmente as que residiam mais distante; outras retomaram o

trabalho até cerca de 16,00 horas, quando foi feita a entrega do serviço, aos treichoados, trouxeram do roçado até a porta da casa, entre vivas e fôgos, o dono do serviço. Os trabalhadores traziam nas mãos galhos e ramos verdes, agitando-os ao compasso dos vivas, enquanto mantinham dentro de um quadrado de madeira o treichoado. Em frente à casa, sua mulher, que também tinha serviço a receber, juntou-se a ele no quadrado de madeira. Houve, então, diante de todos, a entrega do trabalho realizado no decorrer do dia. Em seguida todos os presentes jantaram, retirando-se logo depois para suas respectivas casas, prometendo retornar à noite para o pagode (GARCIA, 1981, p. 186).

Durante os anos da ditadura militar lavradores goianos aqui e ali eram denunciados e presos. Entre mulheres de várias regiões, sobretudo ao redor da aguerrida Diocese de Goiás, tornou-se uma prática a realização de mutirões de fiadeiras destinados a produzir artesanato de pano a ser levado a cidades maiores para ser vendido. O dinheiro apurado era destinado a “ajudar as famílias com marido preso. Assim, o próprio tradicional mutirão de fiadeiras ganhou novos usos e sentidos.

Eis uma notícia de jornal de circulação entre sindicatos de lavradores da região.

Mutirão de Fiadeiras em Itaguara — Fiadeiras de Itaguara fazem um mutirão e contam como aconteceu: *Foi na casa de uma de nossas companheiras. Reuniu 40 mulheres. Foi um dia muito alegre e animado. Conseguimos fiar dois sacos de algodão, batemos papo e conhecemos novas companheiras e ainda ajudamos Dona Maria.*

Sentido do Mutirão — *um dos sentidos foi do serviço. Mas foi também pra conversar sobre nossos problemas. Estamos pensando em continuar os mutirões. Já foi marcado mais dois mutirões e queremos nos unir com mulheres de outros lugares. Também estamos participando de outros movimentos como: Movimento das Lavadeiras, no Sindicato e nos Mutirões de Roça junto com nossos companheiros.*

As fiadeiras fizeram esses versos dando o sentido do movimento:

Todos juntos homens e mulheres  
Um dia certo vamos vencer

O mutirão é sempre bom  
Os homens também vai lá  
Para juntos conseguirmos  
Nossa luta igualá.

Nós que somos mulheres  
Devemos ser organizadas  
Pois, da sociedade  
Somos as últimas exploradas

O homem e a mulher  
Precisa Lutar unido  
Pra junto defender  
Do mesmo inimigo<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Não tenho comigo dados sobre o nome e o número do jornal.

Os gestos e o processamento de um mutirão de fiandeiras de Goiás seguiram sendo os mesmos da tradição camponesa. Mas os motivos dos encontros, e o que elas diziam e cantavam enquanto fiavam e teciam, mudou de acordo com o tempo em que se vivia então, com as lutas de resistência enfrentadas e, sobretudo, com um crescente envolvimento de mulheres nas “lutas do povo da roça”.

### **Novos tempos, novas letras novos “cantorios”**

Devo lembrar que em inúmeras regiões do país, sobretudo a partir dos anos da ditadura militar, da formação de novos sindicatos e movimentos de trabalhadores rurais e das perseguições sofridas, individual e coletivamente por muitos camponeses em todo o país, lavradores meeiros (parceiros) posseiros e outras categoria de “gente da roça”, de homens do campo” organizam-se. Oposições Sindicais e outros movimentos – vários deles originados de comunidades de base da Igreja Católica - entram na luta.

Em muitas áreas de Goiás um *Movimento dos Trabalhadores* cumpriu a tarefa de criar pautas de novos tempos de mobilização de lavradores. As músicas, os cantorios de trabalho ou de festa às vezes foram também alterando o teor das letras de poesias e cantos “da gente da roça”.

E anos passados o *Centro de Reflexão e Documentação*, de Goiânia, editou uma fita cassete acompanhada de um livre com a letra de vários cantos. Seu nome: *Canto dos lavradores de Goiás*. O alegre repinique das violas ainda é o mesmo das velhas músicas goianas. E não mudaram também as regras do palmeado e do sapateado das catiras que varam as noites dos sertões de Goiás.

Mas o que se cantava então revelou o alvorecer da fala de uma outra prática. Alguns nomes de toadas e modas de catira bem retratam o que queriam dizer desde então o que poetavam e cantavam os lavradores militantes de Goiás: *Salada de Capim, Justiça e Trabalho, Custo da Vida, Espelho da Realidade, Folia da Caminhada, Abre o Olho, Filho de Lavrador, Companheiro, A Terra é Nossa, Alerta Povo, A Força do Trabalhador*.

---

#### **Work as a celebration: about peasant work, singing and partying**

**Abstrac:** The peasant people in the Cerrado organically sustain the relationship between work and celebration, strengthening the bonds between culture and reason. In the backlands of Minas Gerais and Goiás, for example, experiences of "mutirão", "treição", among other practices of mutual support are multiplied. The singing, the "folia de reis" and the party permeate the effectiveness and difficulty of the work in the field. The rules of productive work are mixed with those of generous coexistence. In this text we try to reflect on the relationships that bring work closer to the festive experiences of peasant peoples.



**Keywords:** “Mutirão”. “Folia de Reis”. Peasantry.

**El trabajo como una celebración: sobre el trabajo campesino acompañado de cantos y fiestas**

**Resumen:** Los campesinos del Cerrado sostienen orgánicamente la relación entre el trabajo y la celebración, fortaleciendo los lazos entre la cultura y la razón. En las zonas rurales de Minas Gerais y Goiás, por ejemplo, se multiplican las experiencias de "mutirão", "treição", entre otras prácticas de apoyo mutuo. El canto, la “folia de reis” y la fiesta impregnan la eficacia y la dificultad del trabajo en el campo. Las reglas del trabajo productivo se mezclan con las de una convivencia generosa. En este texto tratamos de reflexionar sobre las relaciones que acercan el trabajo a las experiencias festivas de los pueblos campesinos.

**Palabras-clave:** “Mutirão”. “Folia de Reis”. Campesinos.

---

**Referências**

CALDEIRA, C. **Mutirão:** formas de ajuda mútua no meio rural. Companhia Editora Nacional, São Paulo/SP, 1956. (Coleção Brasileira – 289).

GALVÃO, H. **O mutirão no Nordeste.** Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura: Rio de Janeiro/RJ, 1959. (Coleção Documentário da Vida Rural – 15).

GARCIA, M. M. **Tecelagem Artesanal.** Editora da UFG: Goiânia/GO, 1981.

MACHADO FILHO, A. M. **O negro e o garimpo em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1985.

MARTINS, J. de S.. **Capitalismo e Tradicionalismo:** estudo sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** São Paulo/SP: Cosac Naify, 2003.

---

**Sobre o autor**

**Carlos Rodrigues Brandão** - Antropólogo e Escritor. Doutor em Ciências Sociais pela USP, 1979, pós-doutor pelas Universidade de Perugia e Universidade de Santiago de Compostela. Professor aposentado da UNICAMP. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

---

Recebido para publicação em julho de 2020

Aceito para publicação em agosto de 2020